

DOI: 10.20911/21799024v16n2p46/2025

Ser e Estrutura: a reconstrução metafísica de Puntel entre sistema, totalidade e Deus

Being and Structure: Puntel's Metaphysical Reconstruction between System, Totality and God

Maria Cecília Barbosa Pio Fernandes¹

RESUMO: Este artigo examina a proposta metafísica sistemático-estrutural de Lorenz B. Puntel, reconstruída principalmente a partir de *Ser e Deus* (2011) e interpretada à luz das leituras de Herrero (2012), Dal Forno (2017) e Aranguiz (2020). A investigação evidencia que o sistema punteliano busca repensar a metafísica em bases rigorosamente teóricas, articulando linguagem, estrutura e totalidade para explicitar a dimensão originária do Ser. Reconstrói-se o percurso conceitual que leva da centralidade do universo do discurso à distinção entre ser objetivo e Ser primordial, culminando na relação interna entre Ser e Deus. O estudo também analisa os enfoques considerados inadequados para a questão de Deus, mostrando como abordagens linguísticas, empiristas, subjetivistas e fragmentárias falham por carecer de horizonte ontológico amplo. Conclui-se que a relação Ser-Deus é a consequência estrutural necessária do sistema, e não um acréscimo teológico.

PALAVRAS-CHAVE: Puntel. Metafísica. Ser. Totalidade.

1 Licenciada em Língua Portuguesa / Inglês pela Faculdade de Ciências Humanas de Curvelo (FACIC). Mestranda em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). E-mail: ceciliapiofernandes@gmail.com.

ABSTRACT: This article examines Lorenz B. Puntel's systematic-structural metaphysical project, reconstructed primarily from *Being and God* (2011) and interpreted through Herrero (2012), Dal Forno (2017), and Aranguiz (2020). The study shows that Puntel's system redefines metaphysics on strictly theoretical grounds, articulating language, structure, and totality to explicate the primordial dimension of Being. It reconstructs the conceptual path leading from the centrality of the universe of discourse to the distinction between objective being and primordial Being, culminating in the internal relation between Being and God. The article also analyzes approaches deemed inadequate for the question of God, demonstrating how linguistic, empiricist, subjectivist, and fragmentary perspectives fail due to the absence of an ontologically comprehensive horizon. It concludes that the Being–God relation emerges as the system's necessary structural consequence rather than an external theological addition.

KEYWORDS: Puntel. Metaphysics. Being. Totality.

Introdução

A obra *Ser e Deus*, de Lorenz B. Puntel, publicado originalmente em 1990, representa uma das tentativas mais ambiciosas da filosofia contemporânea de reconstruir a metafísica em bases sistemáticas, articulando uma compreensão abrangente do Ser com uma elaboração teoricamente rigorosa da questão de Deus. Essa proposta parte da convicção de que apenas um quadro conceitual suficientemente amplo e metodologicamente controlado pode sustentar uma reflexão filosófica sobre Deus que não recaia em reducionismos ontoteológicos, em misticismos ou em abordagens estritamente fenomenológicas ou analíticas.

A motivação fundamental dessa reconstrução é a percepção de que as filosofias contemporâneas, embora tenham criticado a metafísica tradicional, frequentemente não apresentam ferramentas conceituais suficientes para lidar com a totalidade do Ser. Puntel (2011) parte da tese de que a linguagem, entendida em seu sentido mais radical, é condição constitutiva da experiência e do pensamento, e que uma teoria do Ser deve partir dessa centralidade, desenvolvendo estruturas semânticas e ontológicas articuladas. Herrero (2012) enfatiza que o sistema é construído progressivamente, desde fatos primos até a explicitação da bidimensionalidade do Ser, mostrando que esse caminho procura evitar tanto o formalismo lógico desligado da realidade quanto o empirismo fragmentário.

Essa abordagem sistemática se distingue nitidamente de enfoques que, segundo Aranguiz (2020), permanecem presos a perspectivas assistemáticas, como é o caso de certas leituras de Wittgenstein. Nessas abordagens, a filosofia se limita à análise da linguagem ordinária, sem explicitar seus pressupostos ontológicos e sem oferecer uma compreensão totalizante da realidade. Para Puntel, ao contrário, é impossível abordar a questão de Deus sem antes explicitar de

forma coerente o que significa Ser em sentido pleno, o que implica assumir a filosofia como discurso teórico dotado de rigor interno e estrutura própria.

Dal Forno (2017), por sua vez, ressalta que a teoria sistemático-estrutural de Puntel, ao postular uma dimensão originária que abrange todas as interconexões, suscita importantes debates contemporâneos sobre o estatuto da totalidade.

Diante desse contexto, a presente investigação tem como objetivo reconstruir o modelo de Puntel de forma clara e didática, articulando a sistematicidade interna do seu projeto com as leituras críticas oferecidas por três artigos selecionados, quais sejam os de Herrero (2012), Dal Forno (2017) e Aranguiz (2020). Em vez de apresentar o pensamento de Puntel isoladamente, buscamos compreender como sua proposta dialoga com questões filosóficas contemporâneas, quais problemas pretende resolver e como enfrenta as críticas dirigidas à noção de totalidade e à relação entre Ser e Deus.

O artigo está estruturado em quatro partes principais. Na Parte I, examinamos os fundamentos do sistema sistemático-estrutural, explicitando sua natureza teórica, sua base linguística e sua orientação ontológica. Na Parte II, reconstruímos a concepção punteliana de Ser e sua bidimensionalidade. Na Parte III, discutimos enfoques considerados inadequados para a questão de Deus. Por fim, na Parte IV, analisamos a explicitação da noção de Deus no interior do próprio conceito de Ser.

1. Fundamentos do “sistema” sistemático-estrutural

A filosofia sistemático-estrutural elaborada por Lorenz B. Puntel parte de uma compreensão da filosofia como atividade eminentemente teórica, cuja tarefa central consiste em articular estruturas conceituais com amplitude e rigor. Como observa Aranguiz (2017, p. 20), a filosofia, nessa abordagem, é “um empreendimento estritamente teórico”, que se define pela elaboração de teorias e pela análise das estruturas universais que permeiam a totalidade do real. Essa concepção coloca a teoria no centro do fazer filosófico, afastando leituras assistemáticas ou meramente descritivas.

A sistematicidade do projeto de Puntel também deriva da virada linguística e da constatação de que toda experiência humana é mediada por linguagem. Como lembra Aranguiz (2020, p. 20) “o real experimentado [...] é ele mesmo estruturado pela consciência, que sempre já é perpassada e constituída pela linguagem”. Isso amplia o horizonte da filosofia e determina que toda ontologia deve necessariamente passar por uma reflexão semântica.

Nesse quadro, o conceito de universo do discurso torna-se central. Segundo Puntel, o universo do discurso representa “o domínio irrestrito de objetos, que abrange completamente tudo o que pode ser tematizado” (Puntel, 2011, p. 12). Esse domínio irrestrito é aquilo que a filosofia deve compreender e explicar, constituindo o campo próprio de sua tematização.

Para sustentar tal abrangência, é necessária uma noção clara de “estrutura”. Puntel entende estrutura como a relação ordenada entre elementos de qualquer região ou processo, de modo que a filosofia se torne capaz de identificar tais relações e articulá-las em uma teoria coerente. Dal Forno observa que, a partir da estruturalidade, “segue-se a negação do simples e da falta de ligação” (Dal Forno, 2017, p. 138). Isso reforça a ideia de que nada pode ser pensado isoladamente.

O passo seguinte no processo de Puntel consiste na construção progressiva da dimensão chamada “universo do discurso”, que se desdobra em conceitos como “mundo”, “universo” e, finalmente, “Ser”. Como afirma Dal Forno, Puntel chega à expressão “ser” como “a estruturalidade de todas as estruturalidades ou a interconexão de todas as interconexões” (Dal Forno, 2017, p. 139).

Puntel distingue entre “ser objetivo” e “Ser primordial”. A partir da crítica a Heidegger, Puntel sustenta que o Ser deve ser entendido como a dimensão que inclui tanto o mundo quanto os próprios sujeitos teóricos: “a dimensão absolutamente universal ou a dimensão originária é a unidade de dimensão teórica e universo irrestrito do discurso” (Puntel, 2011, p. 186).

Essa dimensão originária constitui o coração da metafísica sistemático-estrutural. Como afirma Dal Forno, a tematização dessa dimensão recebe o nome de “sistemática compreensiva”, caracterizada como “a dimensão mais profunda e fundamental da metafísica” (Dal Forno, 2017, p. 140). O Ser primordial, assim, não é um ente, mas o horizonte universal no qual todos os entes e todas as estruturas se articulam.

A metodologia de Puntel envolve também o que Herrero descreve como um caminho de ascensão ontológica, partindo das estruturas mais simples até a estrutura de todas as estruturas. Herrero descreve esse processo: “partindo das entidades simples [...] até chegar à interconexão de todas as interconexões, a saber, a dimensão do Ser mesmo” (Herrero, 2012, p. 223-224). Essa progressão não é empírica, mas teórica: trata-se de explicitar a ordem lógica do Ser.

A progressão só é possível, segundo Puntel, porque o espírito humano já é coextensivo ao universo irrestrito do discurso. Herrero mostra que, para Puntel, “o espírito humano é intencionalmente coextensivo com o Ser como tal e em seu todo” (Herrero, 2012, p. 222). Essa coextensividade fundamenta a própria possibilidade de uma teoria filosófica universal.

Essa tese tem implicações profundas: ela rompe com qualquer postura subjetivista e com perspectivas que tomam o sujeito como ponto de partida. Não é o Ser que deve ser explicado a partir do homem, mas o contrário: o homem é determinado “a partir da dimensão universal do Ser” (Herrero, 2012, p. 222).

A partir desse ponto, Puntel pode mostrar por que a metafísica deve ser concebida como “Teoria do Ser primordial”. Dal Forno resume essa tese afirmando que “a metafísica é [...] a teoria da dimensão fundamental oniabrangente” (Dal Forno, 2017, p. 140). Trata-se, portanto, de um empreendimento que busca explicar a totalidade de maneira sistemática.

Essa totalidade, no entanto, não deve ser confundida com totalitarismo ontológico. Dal Forno lembra que filósofos como Markus Gabriel criticam a noção de um “domínio de todos os domínios”. Gabriel afirma: “se existir é existir como objeto no interior de um domínio [...] então o domínio de todos os domínios não pode existir” (Gabriel, 2012, p. 33). Essa crítica desafia a coerência da pretensão punteliana.

Todavia, Puntel não identifica o Ser primordial com um domínio, mas com a condição de possibilidade da existência de qualquer domínio. O Ser não é um objeto, mas a dimensão universal dentro da qual todos os objetos e todas as estruturas podem ser tematizados. Essa resposta evita a acusação de duplicação ontológica sugerida por Gabriel (Puntel, 2011).

Outra crítica relevante, levantada por Dal Forno (2017) e por teóricos da incompletude, é a de que a realidade sempre ultrapassaria qualquer tentativa sistemática de capturá-la. Entretanto, o sistema de Puntel sustenta que sua função não é exaurir o real, mas explicitar a estrutura teórica da totalidade enquanto totalidade, sua inteligibilidade formal e ontológica.

O sistema de Puntel assenta-se sobre três pilares fundamentais: (a) a centralidade da linguagem; (b) a estrutura como elemento ontológico básico; (c) o Ser primordial como dimensão universal e originária. Esses elementos possibilitam compreender como o sistema pode integrar, de maneira coerente, a questão de Deus, tema que será desenvolvido nas próximas seções.

2. O Ser como tal e em seu todo

A concepção punteliana do Ser pretende reconstruir a metafísica não a partir de entes particulares, mas a partir da totalidade estrutural do real. Essa totalidade não é pensada como um conjunto de objetos, mas como a “interconexão de todas as interconexões”, expressão pela qual Puntel busca indicar o caráter radical e último da dimensão do Ser. Dal Forno registra essa formulação ao afirmar que, para Puntel, o Ser “é a estruturalidade de todas as estruturalidades ou a interconexão de todas as interconexões” (Dal Forno, 2017, p. 139).

Essa definição não deriva de um procedimento dedutivo, mas de um percurso teórico no qual se explicitam progressivamente as condições para que qualquer coisa possa ser tematizada. Herrero mostra como Puntel parte de “factos primos”, estruturas ontológicas mínimas, e vai ascendendo até a dimensão última da totalidade: “partindo das entidades simples [...] até chegar à interconexão de todas as interconexões, a saber, a dimensão do Ser mesmo” (Herrero, 2012, p. 223-224). Essa ascensão não é empírica, mas estrutural.

Um passo essencial desse processo é a passagem da noção de mundo para a noção de universo. Herrero explica que o mundo é “a interconexão compreensiva objetiva propriamente dita da dimensão do universo do discurso” (Herrero, 2012, p. 223). É apenas ao perceber que mesmo o mundo depende de estruturas mais profundas que se torna possível identificar a necessidade de um horizonte mais abrangente.

O universo, por sua vez, não se confunde com a totalidade física, mas designa o domínio irrestrito de tudo aquilo que pode ser tematizado pelo discurso. Como afirma o mesmo Puntel: “o domínio irrestrito de objetos [...] abrange completamente tudo o que pode ser tematizado” (Puntel, 2011, p. 12). Essa totalidade tematizável exige uma dimensão que a torne possível.

É aqui que surge a distinção decisiva entre ser objetivo e Ser primordial. Aranguiz observa que, no sistema punteliano, o termo “Ser” é introduzido inicialmente como “Ser objetivo” e só posteriormente é explicitado como dimensão originária (Puntel, 2011, p. 23). Essa passagem marca a diferença entre falar sobre entes e falar sobre o horizonte do próprio discurso.

O Ser primordial é definido por Puntel como “a dimensão absolutamente universal ou a dimensão originária”, expressão citada literalmente por Dal Forno (Puntel, 2011, p. 186). Essa dimensão originária não é um objeto entre outros; é a condição para que qualquer objeto possa ser tematizado.

A articulação entre teoria e universo do discurso é essencial porque, para Puntel, não é possível sustentar uma metafísica que não esclareça simultaneamente os dois polos. A dimensão originária é precisamente “a unidade de dimensão teórica e universo irrestrito do discurso” (Puntel, 2011, p. 186). Herrero confirma essa compreensão ao afirmar que essa dimensão “abrange as duas” esferas e por isso deve ser chamada simplesmente de dimensão do Ser (Herrero, 2012, p. 224).

A originalidade de Puntel se evidencia na maneira como ele supera a tradicional separação entre sujeito e objeto. Herrero registra que, em seu sistema, o espírito humano “é intencionalmente coextensivo com o Ser como tal e em seu todo” (Herrero, 2012, p. 222), e acrescenta que essa tese deriva diretamente da releitura punteliana da afirmação tomista *anima est quodammodo omnia*. Essa coextensividade é uma característica estrutural, não psicológica.

Essa tese tem implicações decisivas: se o espírito já é coextensivo ao Ser, então é possível realizar uma teoria sistemática da totalidade. Isso explica por que Puntel insiste que o Ser não pode ser pensado como um domínio. Um domínio é sempre delimitado, ao passo que o Ser é justamente aquilo que torna qualquer domínio possível. Dal Forno lembra a crítica de Markus Gabriel, para quem “o domínio de todos os domínios não pode existir” (Dal Forno, 2017, p. 140), mas o sistema de Puntel evita essa objeção precisamente porque não confunde Ser com domínio.

Uma das características mais marcantes da concepção punteliana do Ser é a bidimensionalidade. Herrero afirma que “deve-se assumir uma dimensão absolutamente necessária do Ser e uma dimensão contingente do Ser” (Herrero, 2012, p. 229). Essa dupla estrutura permite manter a universalidade do Ser sem eliminar a contingência do mundo.

A dimensão absolutamente necessária do Ser é interpretada por Puntel como espiritual, livre e pessoal. Herrero explica que esse desdobramento “só pode ser realizado a partir da relação entre as duas dimensões” (Herrero, 2012,

p. 229). O caráter necessário não é deduzido de fora, mas explicitado internamente no processo de entender a totalidade.

Já a dimensão contingente corresponde ao mundo e aos entes. Ela não é ilusória nem secundária; é parte constitutiva da totalidade, mas não possui em si mesma o fundamento da própria existência. Puntel (2011) rejeita qualquer interpretação que considere a contingência como mera aparência, preservando tanto a densidade do real quanto a liberdade divina.

A relação entre as duas dimensões prepara o terreno para a questão de Deus. Herrero afirma que somente depois de compreender plenamente a dimensão absolutamente necessária é possível inserir com sentido o termo “Deus”, já que esse termo só pode ser introduzido na medida em que se reconhece que o Ser necessário é criador da dimensão contingente (Herrero, 2012, p. 229).

Para Puntel, a introdução da palavra “Deus” não adiciona um ente ao Ser, mas explicita a plenitude do próprio Ser. Herrero sintetiza: “com a plena explicitação do Ser, será mostrada a relação de Ser e Deus, e que significa que Deus é Ser em toda sua plenitude” (Herrero, 2012, p. 205-206). Essa passagem marca o momento em que metafísica e teologia filosófica convergem de modo sistemático.

Assim, o conceito punteliano de Ser é uma arquitetura ontológica robusta e rigorosa: compreende desde os níveis estruturais mínimos da realidade até a totalidade absoluta; inclui a consciência como componente coextensivo; articula contingência e necessidade; e fornece as bases para que a questão de Deus apareça não como algo externo, mas como o desdobramento final da própria teoria. A seguir, veremos como esse quadro permite avaliar quais enfoques tradicionais são considerados inadequados para a questão de Deus.

3. Enfoques inadequados para a “questão de Deus”

A teoria sistemático-estrutural de Puntel (2011) considera inadequados todos os enfoques da questão de Deus que permanecem presos à linguagem comum, a métodos fragmentários ou a abordagens que não explicitam os pressupostos ontológicos de suas análises. Aranguiz (2020) enfatiza justamente essa insuficiência ao mostrar como determinadas leituras de Wittgenstein reduzem a filosofia a uma prática de esclarecimento linguístico sem admitir a necessidade de uma elaboração teórica mais profunda. Nesse tipo de perspectiva, a questão de Deus acaba sendo dissolvida em jogos de linguagem, sem que se tematize a dimensão totalizadora do Ser.

Para Puntel, essa limitação decorre do fato de que a linguagem, entendida apenas como uso cotidiano, não pode dar conta de temas que exigem explicitação sistemática. Por isso Aranguiz (2020, p. 21) afirma que a filosofia, para Puntel, é “um empreendimento estritamente teórico”. Qualquer abordagem que trate Deus como um problema meramente linguístico, epistemológico ou psicológico incorre na incapacidade estrutural de tematizar aquilo que só pode ser entendido dentro de um quadro ontológico universal.

Outro enfoque inadequado é o que encara Deus como um objeto entre outros, inscrito no domínio natural ou empírico. Puntel rejeita explicitamente essa possibilidade: “o domínio irrestrito de objetos [...] abrange completamente tudo o que pode ser tematizado” (Puntel, 2011, p. 12). Se Deus fosse um objeto desse domínio, estaria submetido às mesmas condições ontológicas dos entes finitos, o que, para Puntel, seria impossível.

Uma das críticas mais urgentes diz respeito à tentação de tratar Deus como resultado de inferências lógico-formais desconectadas de uma análise estrutural mais ampla. Esse é o risco observado por Aranguiz (2020) a partir do uso de formulações analíticas que, embora úteis para a lógica e a filosofia da linguagem, não dispõem de ferramentas para tematizar o Ser em seu todo. Como ele nota, se a filosofia se restringe ao papel terapêutico ou analítico, “o real experimentado [...] é ele mesmo estruturado pela consciência, que sempre já é perpassada e constituída pela linguagem” (Aranguiz, 2020, p. 20). Assim, a perspectiva analítica pura reduz o campo de ação da filosofia justamente onde se exige maior profundidade.

Os enfoques empiristas ou cientificistas também são considerados inadequados. Esses modelos querem tratar Deus como hipótese verificável, mas ignoram que a dimensão do Ser não coincide com o conjunto dos fatos empíricos. Para Puntel, conforme recorda Herrero, o Ser é “a interconexão de todas as interconexões” (Herrero, 2012, p. 223-224), e por isso precede e torna possível qualquer instância empírica. Reduzir Deus ao plano empírico destrói o próprio sentido da questão.

Igualmente problemático é o enfoque subjetivista, herdado de certas leituras modernas que partem do sujeito como fundamento absoluto. Herrero demonstra como Puntel rejeita esse caminho, mostrando que “o espírito humano é intencionalmente coextensivo com o Ser como tal e em seu todo” (Herrero, 2012, p. 222). Se a subjetividade já se dá dentro do Ser, não pode ser tomada como origem da reflexão sobre Deus. Todo subjetivismo, portanto, é filosoficamente insuficiente.

Nesse mesmo sentido, a fenomenologia, quando reduz Deus a fenômeno ou horizonte de sentido subjetivo, cai em outro tipo de inadequação. Embora reconheça o valor da fenomenologia para descrever a experiência, Puntel (2011) considera que ela não consegue atingir a estrutura total do Ser. A fenomenologia descreve aparências, mas não explicita o fundamento ontológico que as torna possíveis.

Outro enfoque crítico, apresentado por Dal Forno, diz respeito ao realismo ontológico fragmentário. Ele afirma que “o domínio de todos os domínios não pode existir” (Dal Forno, 2017, p. 140). Se tomado ao pé da letra, esse argumento impediria qualquer metafísica global e, por consequência, impossibilitaria a tematização filosófica de Deus como fundamento último. Puntel (2011) rejeita essa crítica porque Gabriel, o autor da mesma, confunde a noção de Ser com a de domínio, e o Ser, para Puntel, não é domínio, mas dimensão originária que torna os domínios possíveis.

Há também enfoques inadequados dentro da própria tradição teológica. Puntel rejeita tanto o teísmo tradicional, que pensa Deus como ente supremo dentro do conjunto dos entes, quanto o panteísmo, que identifica Deus com o todo empírico. Herrero sintetiza a posição teísta clássica e o modo como Puntel se distingue dela ao afirmar que, segundo o modelo sistemático-estrutural, “o Ser e o Criador do mundo são uma e a mesma realidade, pois a dimensão absolutamente necessária do Ser é o Criador da dimensão contingente” (Herrero, 2012, p. 229). Isso mostra que a questão é estrutural, não cosmológica.

Essa compreensão implica rejeitar qualquer abordagem que trate Deus como entidade localizada no interior do universo. Tal perspectiva incorre na mesma limitação dos modelos científicos que querem localizar Deus no espaço do mundo. Como o Ser é a condição de possibilidade de tudo o que é, não há “lugar” ontológico no qual Deus possa ser encaixado como elemento do cosmos.

A teologia negativa radical, por sua vez, cai no extremo oposto: impossibilita qualquer discurso sobre Deus em nome de uma apofasia absoluta. Puntel, no entanto, não nega a possibilidade do discurso teológico; ele apenas afirma que tal discurso precisa ser sistematicamente articulado a partir da estrutura do Ser (Puntel, 2011).

As versões existencialistas da questão de Deus, centradas exclusivamente no sentido humano ou no desespero, também são consideradas insuficientes. Elas tematizam a condição humana, não a estrutura do Ser, e por isso tratam Deus como resposta a angústias ou necessidades humanas, sem explicitar o fundamento ontológico (Puntel, 2011).

Dal Forno (2017) mostra ainda que certos enfoques contemporâneos tratam Deus como metáfora crítica ou categoria política, como ocorre em leituras inspiradas em Walter Benjamin. Nesses casos, Deus deixa de ter um estatuto ontológico e passa a ser figura retórica de emancipação. Dal Forno observa que essa associação, embora produtiva em termos políticos, é incompatível com o sistema de Puntel, cujo propósito é explicitar o Ser e sua relação necessária com o Criador.

Por fim, a incompreensão sistemática do conceito de Ser é o fator que une todos esses enfoques inadequados. Herrero deixa isso claro ao afirmar que “somente após explicitar completamente a dimensão do Ser é possível introduzir com sentido o termo ‘Deus’” (Herrero, 2012, p. 205-206). Qualquer abordagem que inverta a ordem, tratando Deus antes de esclarecer o Ser, incorre em equívoco filosófico.

Assim, os enfoques inadequados têm uma raiz comum: a ausência de uma estrutura filosófica capaz de pensar o Ser em sua totalidade. A compreensão de Deus só pode emergir, no sistema punteliano, depois da elaboração rigorosa do conceito de Ser primordial. É essa sequência lógica que garante que Deus não seja nem objeto empírico, nem projeção psicológica, nem mero elemento linguístico, mas a explicitação última da dimensão absolutamente necessária do Ser.

4. Ser e Deus: a explicitação final do sistema punteliano

A questão de Deus só pode ser verdadeiramente introduzida no sistema de Puntel quando a dimensão do Ser já tiver sido plenamente explicitada. Esse princípio metodológico é repetido de forma contundente por Herrero, ao afirmar que “somente após explicitar completamente a dimensão do Ser é possível introduzir com sentido o termo ‘Deus’” (Herrero, 2012, p. 205-206). A relação entre Ser e Deus, portanto, não é extrínseca ao sistema, mas representa sua culminância necessária.

Conforme Herrero, o sistema metafísico-estrutural leva ao reconhecimento de que a dimensão absolutamente necessária do Ser possui características espirituais, livres e pessoais (Herrero, 2012, p. 229). Esse é o ponto de partida para compreender por que Puntel (2011, p. 176) identifica o Ser necessário com o Criador. A dimensão contingente existe porque é criada e sustentada pela dimensão absolutamente necessária.

A ideia de criação, porém, não significa intervenção pontual ou narrativa mítica. Trata-se de uma relação estrutural entre a dimensão necessária e a contingente. Herrero mostra isso com clareza:

o Ser e o Criador do mundo são uma e a mesma realidade, pois a dimensão absolutamente necessária do Ser é o Criador da dimensão contingente (Herrero, 2012, p. 229).

Essa formulação é rigorosamente ontológica, não cosmológica.

Dal Forno também ressalta esse ponto, afirmando que a metafísica, para Puntel, é “a teoria da dimensão fundamental oníabrangente” (Dal Forno, 2017, p. 140). Quando essa dimensão é plenamente tematizada, emerge necessariamente a referência ao Criador, não como suplemento teológico arbitrário, mas como conclusão sistemática.

Isso explica por que Puntel rejeita todas as concepções que tratam Deus como ente supremo ou como objeto de um domínio. O Ser primordial não é um ente, mas “a unidade de dimensão teórica e universo irrestrito do discurso” (Puntel, 2011, p. 186). Deus, explicitado no interior do conceito de Ser, não se encontra dentro de nenhum domínio ontológico; Ele é a própria dimensão originária.

A distinção entre entidades finitas e o Ser primordial impede qualquer interpretação panteísta. Deus não é o mundo, pois o mundo pertence à dimensão contingente. Ele também não está no mundo como um ente entre outros. Sua relação com o mundo é estrutural, não localizável, tal como ocorre no modelo metafísico tradicional, mas com maior precisão conceitual (Puntel, 2011).

Aranguiz observa que a postura teórica de Puntel impede qualquer tentativa de dissolver Deus em linguagem. O autor explica que a linguagem deve ser compreendida de modo ontologicamente situado, e não como mero jogo isolado. Por isso, quando Aranguiz afirma que “a filosofia é um empreendimento estri-

tamente teórico” (Aranguiz, 2020, p. 23), ele deixa claro que o discurso sobre Deus só é possível dentro de uma teoria estruturada do Ser.

O Ser necessário, portanto, é o fundamento absoluto, condição ontológica para a existência da dimensão contingente. Herrero mostra que esse Ser necessário é espiritual, livre e pessoal (Herrero, 2012, p. 229). A pessoalidade aqui não deve ser interpretada psicologicamente, mas estruturalmente: significa que a origem do Ser é ativa, criadora e racional.

Essa compreensão se distancia tanto do deísmo quanto do teísmo clássico. No deísmo, Deus cria o mundo e se afasta; no teísmo tradicional, Deus é pensado como entidade suprema. Em Puntel, Deus não é um ente, mas é a própria dimensão necessária do Ser, fundamento que é, ao mesmo tempo, originário, espiritual, livre e criador.

A relação entre Deus e o mundo aparece, portanto, não como intervenção, mas como estrutura. A dimensão contingente é sempre dependente da dimensão necessária, mas não de modo determinista; ao contrário, a contingência permanece real e irreduzível. Isso impede tanto visões mecanicistas quanto reduções metafísicas simplistas (Puntel, 2011).

Essa arquitetura permite compreender por que o discurso sobre Deus é possível e necessário dentro do sistema punteliano. Aranguiz (2020) reforça que, sem uma teoria ontológica adequada, a questão de Deus tende a ser reduzida ou distorcida por interpretações pragmáticas da linguagem ou leituras meramente terapêuticas de Wittgenstein. A teologia filosófica, em Puntel, depende de uma metafísica profunda, não de análises superficiais.

A relação Ser-Deus tem ainda implicações epistemológicas. Como o espírito humano é coextensivo ao Ser, conforme afirma Herrero: “o espírito humano é intencionalmente coextensivo com o Ser como tal e em seu todo” (Herrero, 2012, p. 222). Isso significa que a razão humana pode conhecer Deus, não plenamente, mas estruturalmente, porque participa da dimensão do Ser originário.

Há aqui uma leitura profundamente realista e ao mesmo tempo profundamente crítica da tradição metafísica. Puntel não retorna a Aristóteles ou Tomás simplesmente, mas reconfigura a questão do Ser a partir de uma teoria da linguagem, da estrutura e da sistematicidade, permitindo uma nova abordagem da teologia filosófica em chave estrutural.

Deus não é, portanto, um acréscimo ao sistema, mas sua conclusão lógica e ontológica. O Ser necessário é plenamente explicitado como Criador da dimensão contingente, e isso só pode ser compreendido no interior do processo sistemático-estrutural. Deus é Ser, não como identificação panteísta, mas como reconhecimento de que a originariedade do Ser é espiritual, pessoal, livre e criadora, fundamento mesmo do mundo e condição última da inteligibilidade da totalidade.

Considerações finais

As análises desenvolvidas ao longo deste artigo evidenciaram que o projeto sistemático-estrutural de Lorenz B. Puntel representa uma das mais sólidas e rigorosas tentativas contemporâneas de restabelecer a metafísica em bases conceituais renovadas. A reconstrução realizada aqui permitiu explicitar que o pensamento punteliano não busca retornar a modelos clássicos nem permanecer preso a críticas pós-metafísicas; ao contrário, sua proposta redefine o próprio horizonte da investigação filosófica ao partir da interconexão estrutural da totalidade do real. Nesse sentido, compreender o Ser como “interconexão de todas as interconexões” não é apenas um exercício lógico, mas a chave para repensar o espaço próprio da metafísica, seus limites e sua vocação teórica.

Além disso, ficou claro que a força do sistema fundamenta-se na articulação entre linguagem, teoria e ontologia. A centralidade da linguagem não conduz ao linguificismo nem à dissolução da realidade em jogos de uso, como ocorre em leituras assistemáticas de Wittgenstein. Em Puntel, a linguagem é condição de possibilidade da experiência e do pensamento, e por isso exige tematização metafísica. A ontologia, por sua vez, só se torna inteligível quando associada à estrutura, entendida como ordenação interna e necessária das relações. Essa convergência entre semântica, estrutura e totalidade sustenta tanto a crítica aos enfoques inadequados quanto a reconstrução de um discurso filosófico capaz de alcançar a dimensão originária.

Do mesmo modo, a discussão sobre os enfoques inadequados mostrou que muitas abordagens contemporâneas fracassam não por falta de sofisticação analítica ou sensibilidade fenomenológica, mas por ausência de um horizonte ontológico suficientemente amplo para situar a questão de Deus.

O mérito da teoria punteliana está justamente em demonstrar que qualquer tentativa de tematizar Deus sem antes explicitar o Ser incorre em confusão conceitual. A ordem metodológica, primeiro o Ser, depois Deus, não é arbitrária, mas estrutural. Somente quando a bidimensionalidade do Ser é plenamente esclarecida é que se abre o caminho para compreender por que o termo “Deus” pode ser introduzido com rigor, como conclusão do processo ontológico e não como adição estrangeira ao sistema.

Por fim, a explicitação da relação Ser-Deus constitui o fechamento necessário da arquitetura metafísica proposta. A dimensão absolutamente necessária, espiritual, livre e pessoal, ao ser tematizada, revela que o Criador não está fora do Ser nem é idêntico ao mundo, mas é a própria originariedade estrutural que fundamenta a dimensão contingente.

Trata-se, portanto, de uma teologia filosófica rigorosa, não dedutiva nem fideísta, mas estrutural: Deus é explicitado como Ser em sua plenitude, e o mundo, como expressão contingente dessa plenitude. Desse modo, o sistema punteliano não apenas ressignifica a metafísica, mas oferece uma via metodologicamente precisa para recolocar Deus no interior do discurso filosófico contemporâneo,

mostrando que uma filosofia estrutural da totalidade continua sendo não apenas possível, mas necessária.

Referências

ARANGUIZ, M. O. A posição antissistemática, antieórica e direta de Wittgenstein como enfoque inadequado da Questão de Deus. *Ambiente: Gestão e Desenvolvimento*, v. 13, n. 3, 2020.

DAL FORNO, R. L. Do ser se segue Deus? Considerações sobre a filosofia sistemático-estrutural de Lorenz B. Puntel. *Argumentos*, v. 9, n. 7, (2017), p. 135-146.

GABRIEL, M. *Por que o mundo não existe?* São Paulo: Vozes, 2020.

HERRERO, F. J. Ser e Deus na filosofia sistemático-estrutural de Puntel. *Síntese*, v. 39, n. 124, (2012), p. 205-236.

PUNTEL, L. *Ser e Deus: Um enfoque sistemático em confronto com M. Heidegger, É. Levinas e J. L. Morion*. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

Artigo recebido em: 19/11/2025. **Aprovado** em: 02/12/2025.

E-mail da Autora: ceciliapiofernandes@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8100-2539>